



Ajustar a produção

Avicultura nacional passa por um período de grande evolução, com destaque nas exportações. Importantes avanços são registrados no desenvolvimento de programas sanitários e de monitoria, para garantir a qualidade e sanidade do produto nacional.

Em 2005, a produção de carne de frango totalizou 9,3 milhões de toneladas, com embarques para 148 países e uma receita cambial e volume, respectivamente, de 35% e 15% acima de 2004. Com esse desempenho, o País se manteve como líder no *ranking* da exportação mundial.

Mesmo com o notável aumento das exportações, o mercado interno continuou a sustentar sua condição de maior consumidor da produção.

O consumo de carne de frango registrou aumento de 4,69% e alcançou 35,4 kg *per capita*.

A variação anual registrada no Brasil, de 13,92%, correspondeu ao menor índice de expansão dos últimos cinco anos. Isso é um indicativo de que as exportações brasileiras se aproximam de um ponto de estabilização, com índices anuais de evolução mais próximos da média mundial. Para 2006, o USDA - Departamento de Agricultura dos EUA aponta um crescimento médio nas exportações mundiais de carne de frango da ordem de 4%.

Ainda assim, para 2006, com a expectativa de prosseguimento da evolução do mercado interno e com a abertura de novos mercados internacionais, o setor estima um crescimento da produção da ordem de 6%, correspondente a mais 550 mil toneladas. Esse aumento será dividido em partes iguais entre o mercado interno e o externo.

CORREÇÃO

A meta é arrojada, e muitos analistas recomendam uma correção de rumo para o

setor, no sentido de ajustar a sua produção à capacidade de consumo do mercado nacional. Como o potencial produtivo começou o ano elevado, quase 10% acima de 2005, em termos de matrizes alojadas, o quadro atual é de sobre-oferta na avicultura brasileira de corte.

O caminho é produzir de acordo com a capacidade de consumo do mercado. Como cada matriz alojada significa um acréscimo, no conjunto, de ovos incubados, pintos alojados e nascidos, tenderá a haver um volume proporcionalmente maior de frangos produzidos.

Tudo isso exigirá um gerenciamento dos volumes de produção, com alojamentos adequados de pintos, sem exceder à capacidade

comercial do setor, para evitar excessos de oferta nos diferentes mercados. Com o aumento significativo no alojamento de matrizes e de pintos comerciais, já se pode antecipar o incremento na oferta futura de carne de frango. Para reverter essa situação, cabe deixar de lado o comportamento convencional da conhecida muda forçada. Essa prática é apenas recomendável em momentos específicos de mercado, como nos casos de:

1. O valor de mercado do produto final compensar o custo de manutenção da ave por mais tempo;
2. Quando existe uma demanda inesperada pelo produto final, como no aumento das exportações de carne de frango, no primeiro semestre de 2001, em que faltaram matrizes para atender ao novo patamar de produção demandado.

Como a muda forçada é uma prática arraigada na avicultura brasileira, o seu resultado é negativo, sem uma simultânea redução no alojamento. A combinação dessa técnica com o expressivo aumento dos alojamentos ocasiona sérios acidentes de percurso. Estrategicamente, uma capacidade instalada acima da demanda de mercado é bem-vinda para qualquer atividade econômica. Porém, é preciso levar a operação ao ponto máximo de pleno emprego somente quando os sinais de demanda do mercado forem bem claros.

SANIDADE

Outro desafio consiste em aprimorar, junto com o MAPA, o trabalho na sanidade dos plantéis avícolas brasileiros, de forma a zelar sempre pela qualidade e confiabilidade do produto. Nesse sentido, será importante, para a segurança e garantia da produção, exportação e viabilidade econômica do setor, que seja implementado com urgência o Programa de Regionalização Sanitária da Avicultura Brasileira, trabalho desenvolvido desde 2004 e inserido dentro do "Plano Nacional de Controle e Prevenção da Doença de Newcastle e Prevenção da Influenza Aviária".

Este programa garante a manutenção das exportações ainda na ocorrência

cia de eventos sanitários em algum estado brasileiro; uma tranquilidade para atrair investimentos e sustentar o crescimento do setor.

A tarefa será operacionalizada pela SDA-Secretaria de defesa Agropecuária, com o estabelecimento de controle de ações para a avicultura continuar forte e em desenvolvimento, na produção de proteína nobre, saborosa e nutritiva, da melhor qualidade e sanidade. Com um controle adequado, frente a uma situação de normalidade sanitária, diante do risco de que uma eventual difusão da Influenza Aviária no continente europeu poderá alterar drasticamente esse quadro, outro bom resultado poderá ser obtido em 2006. ■

Cinco grandes desafios

Ivan Pupo Lauandos *

Após um período muito favorável para a indústria avícola brasileira, que se iniciou em meados de 2003, vamos enfrentar este ano um cenário menos favorável, no qual toda a cadeia produtiva da carne de frango poderá ser afetada. Os grandes desafios para a indústria avícola são os seguintes:

1 - BALANCEAR O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

No período de cinco anos, de 1999 a 2004, as exportações cresceram, em média, 25,8% ao ano, impulsionando bastante o crescimento da produção total.

Não podemos esquecer de que as exportações representam cerca de 29,5% da produção total, sendo que crescimentos elevados das exportações impulsionam o aumento da produção total.

Exemplificando: um crescimento de 20% das exportações implica em 5,9% de aumento da produção total.

Em 2005, as exportações aumentaram 13,9%, o que demonstra uma desaceleração do crescimento, com o Brasil conquistando uma participação estável de aproximadamente 39% nas exportações mundiais. Essa redução do ritmo de crescimento tem que ser considerada no planejamento de produção da indústria, para não provocar uma superoferta nos mercados interno e externo.

2 - AUMENTAR AS EXPORTAÇÕES?

Em um cenário de queda de consumo nas principais regiões importadoras, crescer entre 5 e 10%, desde que não ocorram fatos positivos, que é a meta original da ABEF, será um grande desafio.

A evolução da Influenza Aviária deve ser motivo de muita preocupação para toda a indústria, pela queda de consumo que tem provocado.

3 - REAL AINDA VALORIZADO

A projeção do Banco Central para 2006 é de uma taxa cambial de US\$ 1 = R\$ 2,34, o que ainda representaria uma valorização de nossa moeda. Trabalhar com moeda valorizada implica em reduzir custos e melhorar a eficiência de todo o processo produtivo, para manter a carne de frango brasileira competitiva.

Com a valorização do real, alguns países,

**Produção de carne de frango
em mil t**

	2001	2002	2003	2004	2005
JAN	527	593,8	646,9	674,1	742,8
FEV	470,2	529,8	577,5	631	667,8
MAR	526,1	619,9	646,9	691,1	750,6
ABR	506,6	610,4	624,4	686,4	739,5
MAIO	532,4	629,5	659,9	700,8	763,7
JUN	525,4	623,6	621,1	676,5	755,3
JUL	559,8	645,1	649,1	720,1	797,4
AGO	572,2	640,6	623,6	695,6	803,9
SET	569,9	601,1	601,6	694,5	786,3
OUT	593,7	625,3	650,5	729,1	830
NOV	578,5	651,7	645,9	720,5	827,1
DEZ	605,4	677,6	697,7	788,7	883,6
Total	6.567,2	7.449,0	7.645,1	8.408,5	9.348,0

Fonte: APINCO

**Exportação de carne de frango
(em mil t)**

	2001	2002	2003	2004	2005
JAN	77	98,1	146,5	157	182,8
FEV	90,8	108,7	173,4	184,5	210,7
MAR	106,3	115,5	164	184,5	225,4
ABR	99,7	102,8	143,3	139,7	227,0
MAIO	110,6	94,3	130	206,4	233,0
JUN	105,9	94,1	155,4	238,2	237,4
JUL	96,2	139,6	135,5	205,9	254,8
AGO	110,9	140,4	193,7	252,6	255,7
SET	112,1	245,1	189,5	210,1	247,7
OUT	119,8	185,9	157,3	219,3	250,1
NOV	108,7	143,8	190,5	198,6	200,1
DEZ	111	131,3	142,7	227,4	237,0
Total	1.249,3	1.599,9	1.922,0	2.424,5	2.761,0

Fonte: APINCO